

A VITÓRIA DE LULA

Por Mário Soares

A vitória de Lula, anunciada por sucessivas sondagens, não constituiu surpresa. Insere-se na lógica das coisas e do tempo e representa, quanto a mim, a afirmação de um País que é um gigante na Ibero-América e uma potência emergente e original, neste nosso desregulado e injusto mundo do início do século.

Surpresa - e sanção moral - foi o povo brasileiro ter obrigado Lula a disputar a segunda volta, em virtude do mensalão e de outros escândalos, como o "dossier", que afectaram mais o Partido dos Trabalhadores (PT), valha a verdade, do que, pessoalmente, Lula da Silva. Apesar do progresso que o Brasil incontestavelmente conheceu, durante o seu mandato, tanto no domínio da afirmação da nação brasileira na Ibero-América e no Mundo, como na consolidação económico-financeira do Estado, em tempo de globalização neo-liberal, bem como, ainda, na luta contra a pobreza e as desigualdades, problema central para o equilíbrio, o desenvolvimento sustentado e a coesão do Brasil.

Lula representa, importa reconhecer, um fenómeno sociológico ímpar que o torna uma figura emblemática aos olhos dos pobres e dos excluídos. Menino pobre, "pau de arara" como se diz no Brasil, veio à aventura, abandonou um nordeste de miséria para ir, sem qualquer protecção e sem instrução, para São Paulo, o Estado mais rico, competitivo, e um dos principais motores da economia brasileira. Aí aprendeu tudo, numa vida duríssima, primeiro para assegurar a sobrevivência do dia a dia, tornando-se, sucessivamente, torneiro mecânico, sindicalista, líder de um partido inicialmente operário e sendo depois duas vezes eleito Presidente da República, por mais de cinquenta milhões de brasileiros, após várias tentativas frustradas!

Um homem destes, que se mantém pessoalmente pobre e igual a si próprio, não podia ser destruído pelas "trapalhadas" em que o seu Partido se meteu, condenáveis obviamente e por mais desagradáveis que tenham sido para os seus amigos e admiradores. Daí a sanção moral que o Povo Brasileiro lhe infligiu, com imensa sabedoria, diga-se, na primeira volta. Mas isso não impediu de o reeleger, na segunda volta, conferindo-lhe uma nova legitimidade para um segundo mandato. Que será - espero - bem diferente do primeiro. Essa, de resto, é a questão decisiva: e agora?

Segundo a declaração que fez, após a vitória, quer continuar a lutar contra a pobreza e as tremendas desigualdades que dividem os brasileiros. No entanto, com um Partido enfraquecido pelos escândalos de corrupção, um pouco isolado politicamente, como o irá conseguir? Tarso Genro, que é o seu actual ministro para as Relações Institucionais e um intelectual de indiscutível qualidade, antigo prefeito de Porto Alegre (onde nasceu o Fórum Social Mundial), disse, numa entrevista dada a um jornal português, em 27 de Outubro passado: "o sistema político brasileiro está bloqueado"; e daí que o PT (partido de Lula e dele próprio) ter de ser (cito) "refundado", "recuperando a bandeira da ética", para afirmar "os seus ideais democráticos e valores culturais" e para lutar contra a corrupção, "negociar com toda a oposição", "incluindo o PSDB", o partido do rival de Lula, Gerardo Alckmin, do ex-Presidente Fernando Henrique Cardoso, de José Serra (eleito Governador de São Paulo) e de Aécio Neves, reeleito Governador de Minas, uma estrela política em ascensão, neto do falecido Presidente Tancredo Neves.

Acrescente-se que os partidos políticos brasileiros são, tradicionalmente, pouco estruturados, sendo frequentes as mudanças de partido, por simples razão de conveniência pessoal, sem que daí venha qualquer sanção. A par dos dois partidos citados há ainda o velho PMDB, que foi uma "frente" contra a Ditadura Militar, fundado pelo grande democrata Ulysses Guimarães (já falecido) e hoje liderado pelo ex-Presidente José Sarney, que além de político experiente é um grande escritor, e o PFL, "o partido oligárquico da Direita" (como lhe chama Tarso Genro), presidido por António Carlos Magalhães, o tradicional chefe da Baía (que desta vez não conseguiu fazer eleger o seu Candidato). Ganhou Jacques Wagner, um político em ascensão, no PT. Curiosamente, em Pernambuco, o Governador eleito, Eduardo Campos pertence ao PSB (Partido Socialista) e é neto de Miguel Arraes, histórico resistente à Ditadura Militar.

Sendo o Brasil um Estado Federal com 27 Estados, incluído o Distrito Federal, a eleição dos Governadores é de extrema importância, dado que a unidade desse grande país, de 187 milhões de

seres humanos, reside na língua portuguesa e no jogo subtil do relacionamento entre os Governadores e o Presidente da República. Ora Lula, não obstante ter um partido que sai debilitado das eleições, tem 17 governadores que o apoiam (eleitos por diferentes partidos) e 10 mais ou menos reticentes. A solidez do seu futuro Governo passa por aí e pelas negociações - que já começaram - com os partidos e os deputados e senadores das duas Câmaras: a dos Representantes, com 513 deputados; e o Senado (81 membros).

Para além do jeito brasileiro, proverbial, que os torna mestres no compromisso (para os fazer e os desfazer, note-se), não creio que Lula da Silva venha a ter grandes dificuldades no primeiro ano do seu novo exercício. Tudo depende das políticas que procurar implementar. Se a conjuntura política e económica internacional não se revelar excessivamente hostil, como presumo que acontecerá, num contexto ibero-americano em imparável transformação (que lhe será favorável, mesmo da parte dos países considerados populistas e radicais) e conseguir caminhar pela porta estreita - mas possível - de compatibilizar as políticas sociais, em que tem de insistir, com uma gestão financeira de algum rigor, para não desencadear as fúrias ortodoxas do Banco Mundial, do FMI e da Organização Mundial de Comércio, para as quais os ventos dominantes parecem ser hoje menos favoráveis.

As coisas "são o que são" e as mudanças vão acontecendo, mesmo que a alguns pareçam impossíveis...

Lisboa, 31 de Outubro de 2006